

Performar para existir: corpos-territórios e narrativas LGBT na cultura *ballroom* de Fortaleza

Daniel Bernardino Muniz

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.21137976>

Resumo: O presente trabalho analisa como a cultura *Ballroom* e suas categorias performáticas promovem espaços de resistência e valorização dos corpos-territórios da população LGBTQ+ em Fortaleza, sob uma perspectiva da psicologia da descolonização. A pesquisa tem como objetivo compreender como as *Ballrooms* funcionam enquanto espaços que reinventam o “belo” e possibilitam que os sujeitos LGBTQ+ tragam a narrativa para seu corpo-território no ato das performances em categorias. Assim, analisando como a cultura *Ballroom* utiliza o território virtual, e como as performances possibilitam a valorização de identidades dissidentes. Metodologicamente, caracteriza-se como um estudo qualitativo de abordagem exploratória, utilizando-se da netnografia e da revisão bibliográfica para analisar conteúdos audiovisuais do coletivo “*Ballroom Ceará*”. Foram selecionados como material empírico os *balls* “T de Trans” e “CarnalBall”, realizados em 2026, permitindo observar como o corpo-território-LGBTQ+ torna-se um instrumento político discursivo. Conclui-se que a *Ballroom* funciona como uma “nação de fugitivos” do regime heterossexual, subvertendo normas de gênero e sexualidade por meio da performatividade afeminada, que as plataformas digitais se tornam um território cibernético constituinte desse corpo-território-ciborgue de memórias coletivas, além de utilizar categorias como a *Face* como um “espelho de Oxum”, resgatando a subjetividade e a beleza de corpos historicamente marginalizados pelo padrão eurocêntrico.

Palavras-chave: Corpo-território. Cultura *Ballroom*. Psicologia da descolonização.

Introdução

O presente artigo parte da problemática de pensar, como a *Ballroom* e suas categorias performáticas promovem espaços de resistência e valorização dos corpos-territórios da população LGBTQ+ na cidade de Fortaleza. Utilizando-se de uma perspectiva decolonial, a fim de compreender a diversidade que envolve a performatividade artística *queer* e seus fenômenos. A cultura *Ballroom* surge como um movimento dissidente em Nova York, na década de 1970, decorrente da discriminação racial que ocorria nas *drags balls* (bailes drags), bailes de competição de beleza e moda de *drags queens* majoritariamente compostos e organizado por pessoas brancas e cisgêneras (Alves, 2023).

Nesse contexto, era comum que artistas negros, latinos e trans constantemente perdessem as competições por não representarem os ideais de beleza branco e binário (Silva, 2022). Assim, as constantes discriminações que pessoas *queers* negras e latinas sofriam nesses espaços criam um cenário de tensões sobre quais corpos poderiam ser considerados belos. Tendo seu estopim no episódio de discriminação em que a *queen* e mulher trans Crystal Labeija participa de um concurso no baile *Miss All-American Camp Beauty Pageant*, conhecido por sua discriminação com pessoa afro-estadunidenses, perdendo para uma concorrente que tinha realizado uma apresentação inferior à sua (Oliveira, 2023).

Desse modo, ocasionando o afastamento de Labeija desses grupos, levando-a realizar o primeiro *ball drag* negro, em 1977, com o apoio de sua amiga Lottie, drag negra também conhecida no meio. Em decorrência desses eventos e do contexto da época, em que pessoas *queer* eram expulsas pelas suas famílias, falta de empregos fora da prostituição e o abandono de políticas públicas, no mesmo ano é fundada a primeira *House* (casa composta por pessoas LGBTQ+ que compõem um sistema de cuidado), nomeada *House of LaBeija*, tendo como *mother* LaBeija (Alves, 2023). Sendo um marco para a cultura *Ballroom* que começa a se estruturar enquanto comunidade organizada por grupos/casas compostas por corpos dissidentes.

As *houses* ocupam um lugar central na cultura por serem uma forma que a comunidade *queer* periférica negra e latina encontra para prover acolhimento e construção de novos vínculos familiares, em que os membros são reconhecidos enquanto filhos da liderança da casa, que eram pessoas mais estáveis financeiramente e reconhecidas na cena, titulados *mother* e *father* (Bezerra, 2025). Além disso, são o que possibilita as competições dos *balls*, onde esses corpos que são vistos pelas sociedades como marginais competem entre si e celebram suas diversidades.

Os balls/bailes não eram apenas uma fuga do mundo real, mas também forneciam um sistema de apoio, um grupo de pessoas com experiências compartilhadas que ajudavam umas às outras a prosperar quando o governo e família de cada um se mantinha indiferente ao seu sofrimento (Silva, 2022, p. 22).

Ademais, outro elemento importante para a cultura são as categorias, modalidades de competição que envolvem dança, vestimenta e beleza. Diante disso, Alves (2023) argumenta que as *balls* são compostas por múltiplas categorias de *performance* e *vogue*, que trazem o corpo como principal objeto de narrativa, os

competidores desfilam ressaltando as características de seus corpos diversos, que ocupam também enquanto corpo-território. Desse modo, para Dellamagna (2024), o corpo ultrapassa as definições de um saber biológico, sendo lugar social, político e geográfico, o corpo-território surge enquanto um outro olhar para essa entidade que carrega narrativas e territórios em que transita. Outrossim, para Miranda (2020), o corpo-território apresenta-se como um texto vivo, que narra sua própria existência a partir de seu olhar e experiências corporificadas, assim, dialogando o autor com a filosofia de Oxumaré⁶⁶ e seu *itan*⁶⁷, no qual o orixá se transforma em serpente para escapar de Xangô⁶⁸, através desse saber ancestral, entende-se o corpo-território como um ato de recriação frente às forças hegemônicas que buscam normatizar e restringir outras estéticas do belo. Logo, o corpo-território possibilita um outro pensar contracolonial para a diversidade e movimentos que atravessam a corporeidade.

Sendo assim, a *ballroom* surge enquanto um espaço de fissura na nação heterossexual onde os corpos-territórios-LGBT+ pode expressar suas vidas pela corporeidade. Para a cientista social Ochy Curiel (2013), a heterossexualidade apresenta-se nas sociedades marcadas pelo colonialismo enquanto um regime político heterossexual, que regula o casamento, a família, e os destinos do corpo-sexo das mulheres, atravessando todas as relações sociais, sendo, a mulher lésbica designada enquanto uma não-mulher por recusar a heterossexualidade compulsória, o que segundo a autora as torna “fugitivas” de um regime colonial que estrutura a nação. Desse modo, os sujeitos LGBTs+ por existirem transgridem de formas diversas a essa nação heterossexual, sofrendo a violência e desumanização decorrente de suas identidades marginalizadas. Assim, as apropriações de seus corpos se interseccionam com a raça e classe, ocorrendo a nível individual pelas violências que são infringidas a sua identidade, e de forma coletiva pelas políticas, normas e subordinações que visam eliminar suas existências físicas e imaginárias.

A cultura *Ballroom* chega em Fortaleza em 2018, com o auxílio da Rede Cuca (Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte) (Fortaleza, 2024), uma política pública voltada à juventude da Prefeitura de Fortaleza, que oferece lazer, formação e acesso à arte para juventude e comunidade, localizando-se em bairros periféricos, sendo

⁶⁶ Oxumaré para a mitologia Yorubá é orixá do ciclo das chuvas, das energias da natureza, que transita durante o ano, o arco-íris, seu lado masculino e a serpente, seu lado feminino. Assim, ele representa a renovação que impede o fim e a beleza da diversidade.

⁶⁷ Itan são narrativas orais sagradas da cultura Yorubá que transmitem conhecimentos, valores, mitos e ensinamentos sobre sua cosmologia.

⁶⁸ Xangô é o orixá rei de Oiô, simboliza o poder e autoridade, sendo relacionado aos trovões e fogo.

o CUCA do bairro periférico Barra do Ceará o “berço” da *Ballroom* cearense, tendo como a sua pioneira a *icon*⁶⁹ Silvia Miranda Viana Macêdo, conhecida na cena como Yagaga Kengaral, que conheceu a cultura através das performances de *vogue*⁷⁰ no *YouTude* em 2016.

Assim, a atuação da *icon*, comunidade e o suporte das políticas públicas da Prefeitura de Fortaleza voltadas à juventude possibilitam o surgimento, crescimento e destaque nacional da *Ballroom* cearense, tendo um núcleo da comunidade em cada Cuca (atualmente 5 localizados em periferias de Fortaleza). Ademais, durante a pandemia, em 2020, a princípio o afastamento social físico interrompeu o processo de crescimento da cena, pela impossibilidade de realizar eventos, afetando as *houses*. Tais fatos levam muitas comunidades no Brasil a migrarem para o meio virtual, possibilitando um novo alcance dessa manifestação artística, a promoção das *balls on-line* serviram de conexões interestaduais entre os grupos fortalecendo o cenário local e nacional (Caldas, 2024).

Com a expansão da internet e seus meios de comunicação em rede, as formas de subjetivação passam a se constituir também em ambientes virtuais, que operam como extensões das experiências e realidades dos sujeitos. Nesse contexto, a feminista Haraway (2020), ao problematizar as relações entre corpo, identidade e tecnologia, propõe a noção de *ciborgue* como uma figura híbrida, que dissolve as fronteiras entre o biológico e o tecnológico, onde as identidades são compreendidas enquanto algo fluido, relacionando indivíduos com a realidade cibernética que se torna extensão de seu corpo.

Um *ciborgue* é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo. [...] O *ciborgue* é nossa ontologia; ele determina nossa política (Haraway, p. 36-37, 2020).

Diante disso, esse trabalho justifica-se pela lacuna científica existente sobre a cultura *ballroom* na cidade de Fortaleza, proporcionando uma valorização da comunidade local, suas lutas e afirmações de vida através da arte, utilizando dos estudos da psicologia da descolonização para pensar a corporeidade latina *queer*. Assim, analisando como a cultura *Ballroom* utiliza o território virtual, e como as performances possibilitam a valorização de identidades dissidentes e cuidado comunitário.

⁶⁹ Título dado a pessoas que fizeram história na comunidade *Ballroom*.

⁷⁰ Dança urbana criada aos anos 60/70 por comunidades LGBTQ+ negras e latinas periféricas de Nova York. Inspiradas nas poses e modelos da revista *Vogue*, popularizada pela cantora Madonna.

Metodologia

O presente artigo caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, abordagem exploratória, cuja finalidade é desenvolver, mobiliza e ampliar conceitos e ideias, contribuindo com a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores (Gil, 2008). Nesse sentido, a pesquisa tem como objetivo compreender como as *Ballrooms* funcionam enquanto espaços que reinventam o “belo” e possibilitam que os sujeitos LGBTQIAPN+ tragam a narrativa para seu corpo-território no ato das performances em categorias. Assim, analisando como a cultura *Ballroom* utiliza o território virtual, e como as performances possibilitam a valorização de identidades dissidentes e cuidado comunitário.

Assim, orientando-se metodologicamente pela perspectiva da etnografia em ambientes digitais, também nomeada enquanto netnografia. Segundo Noveli (2010), a netnografia emerge das tensões entre sujeito e a realidade *online* nos ciberespaços, permitindo investigar práticas culturais e discursivas de grupos no território cibernético. A pesquisa utiliza como material empírico conteúdos audiovisuais produzidos pelo coletivo “Ballroom Ceará”, publicados em seu canal no *YouTube*, tal plataforma funciona enquanto registros de memórias para a comunidade *ballroom* do Ceará, reunindo registros de *balls* realizados no estado e organizados por diferentes *mothers* e *fathers*, que utilizam um mesmo território virtual/conta para divulgar eventos, registrar performances e fortalecer o reconhecimento coletivo da cultura *Ballroom*.

Desse modo, foram selecionados dois eventos para a levantamento de dados: o *ball* “T de Trans”, realizado pela mother Yagaga Kengaral em janeiro de 2026, mês da visibilidade trans, e o “CarnalBall”, realizado pela 007 (pessoas que integram a cultura *ballroom* sem pertencer nenhuma *house*) Mia Incêndia, em fevereiro de 2026. A escolha desses eventos possibilitou analisar e comparar diferentes categorias de competição, em que os corpos dos sujeitos LGBT+ se tornam instrumentos discursivos no ato de performar. Além disso, o território cibernético apresenta-se como uma extensão dos corpos-territórios, funcionando também como espaço de registro e produção de memória da comunidade.

Além da netnografia, foi realizada uma revisão bibliográfica para fundamentar teoricamente a pesquisa, abordando conceitos de corpo-território, performatividade, memória e regime heterossexual. A análise dos materiais foi guiada por esses

referenciais, permitindo uma compreensão das práticas culturais e sociais da comunidade *Ballroom*. Ademais, por se tratar de uma análise de conteúdos audiovisuais disponíveis publicamente em plataformas digitais, a pesquisa não envolveu contato direto com seres humanos, dispensando necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa.

Resultados e discussões

Diante da confecção e tessitura dos dados, o presente estudo divide-se em três eixos de análise que respondem às problemáticas da pesquisa. Sendo eles: (1) A cultura *ballroom* enquanto uma nação de fugitivos do regime heterossexual; (2) O território virtual, manifestações de existência de um corpo-território-ciborgue; (3) O belo que se reinventa através da performance de um corpo-território.

A cultura *ballroom* enquanto uma nação de fugitivos do regime heterossexual

Segundo a teoria de Curiel (2013), de que sociedades marcadas pela pelo trauma da colonização apresentam em suas estruturas e manifestações enquanto um regime político heterocompulsório, que legitima práticas de subalternização dos corpos que não performa uma masculinidade cisgênera e branca, ultrapassando o campo do desejo que definem quem os sujeitos devem desejar, legitimando que sujeitos são dignos de direitos e existência. Nesse sentido, Preciado (2018), argumenta em sua filosofia um outro olhar para esse corpo que foge desse sistema nação, segundo o autor a masculinidade é para a sociedade aquilo que o Estado é para a nação: detentor e usuário legítimo da violência. Assim, o regime cisheterossexual branco utiliza de necropolíticas⁷¹ e apropriações enquanto estratégias de controle de corpos que fogem desse regime político, desse modo, os sujeitos LGBTQs+ tornam-se para o autor *transfugitivos*, corpos em fuga de uma heterossexualidade política mortífera.

Diante disso, a *Ballroom* apresenta-se enquanto uma nação de fugitivos do regime heterossexual, onde uma multidão de corpos-territórios encontra nos espaços das *balls* possibilidades de existir sem serem violentados e silenciados. Construindo outros laços afetivos, utilizando do ato de competir e performar como um instrumento político

⁷¹ A necropolítica é um conceito teórico cunhado por Achille Mbembe que descreve o uso do poder social e político para ditar como algumas pessoas podem viver e como outras devem morrer.

de celebração de suas identidades e existências diversas.

Assim, nas categorias de competição OTA Performance (Figura 1), da *ball* CarnalBall e VF Performance, da *ball* T de Trans (Figura 2), foi observado como o corpo-território-LGBT+ utiliza o espaço enquanto um território de experimentação de sua corporeidade dissidente, em que o ato performático subverte e reinventa as normas de gênero. Sendo presente em ambas as competições, elementos associados socialmente ao feminino, como o uso saltos e vestidos, presentes na Figura 2, que tencionam através da estética o gênero. Do mesmo modo, na Figura 2, as poses e o *catwalk*⁷² no desfile ressaltam uma expressividade afeminada, potencializando o empoderamento de um corpo *queer* afeminado.

Figura 1 e 2 respectivamente: OTA Performance, da ball CarnalBall e VF Performance, da ball T de Trans



Fonte: OTA Performance [...], 2026 e OTA Face [...], 2026.

Para Miranda (2025), o discurso social sobre o feminino atravessa os corpos LGBTs+, sendo suas identidades vistas enquanto o oposto ao heteropatriarcal, desse modo, os sujeitos são forçados a performar uma virilidade que os afasta do feminilidade, tendo como punição a violência social quando ousam transgredir tal regime de poder, diante disso, ao competir nessa categoria o sujeito LGBT+ é provocado à experienciar sua corporeidade em uma performance afeminada, onde a dança *vogue*, saltos, roupas femininas e *catwalk* apresentam o exagero da feminilidade, libertando suas identidades de uma heterossexualidade compulsória.

O território virtual, manifestações de existência de um corpo-território-ciborgue

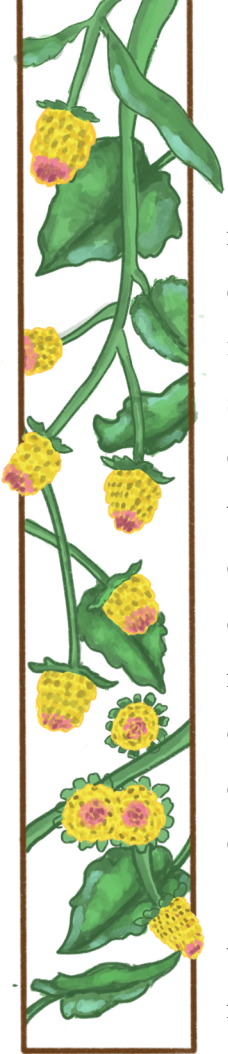
⁷² O *Catwalk* na cultura Ballroom é caracterizado por um desfile linear, fashion e andrógino, imitando a caminhada de um gato com rebolado.

Ademais, com o advento dos novos meios digitais de comunicação, ocorre uma mudança na forma com que a comunidade *ballroom* expressa suas práticas artísticas e discursivas para o mundo, sendo impulsionada pelo período pandêmico da covid-19 e isolamento social, a *ballroom* migra para as redes sociais como estratégia de sobrevivência, encontrando uma nova forma de visibilidade e fortalecimento de uma comunidade antes restrita às limitações físicas (Rodrigues, 2021). Nesse sentido, a territorialidade virtual torna-se um novo espaço constituinte desse corpo-território-LGBT, segundo Haraway (2000), as tecnologias atravessam diretamente os processos de subjetivação e manifestação política dos sujeitos, assim, nascem os ciborgues, corpos que desmantelam a lógica de gênero e desmontam o status ontológico de natural/pré-existente da identidade humana. “O ciborgue é uma criatura de um mundo pós-gênero: ele não tem qualquer compromisso com a bissexualidade, com a simbiose pré-edípica, com o trabalho não alienado.” (Haraway, 2000, p. 39).

Com isso, o meio virtual possibilita que esse corpo-território-LGBT-ciborgue utilize das redes sociais como mais um instrumento político discursivo, que tenciona as normas de sexualidade, gênero e humano, não buscando a totalidade identitária que remonta a heteronormatividade, ele é fragmentado, político e recriado na interação com o território cibernético. Além de trazer visibilidade com o rompimento das barreiras físicas a um corpo que socialmente é apagada e exterminada pelo regime heterossexual. Diante disso, as apresentações na *ballroom* se atualizam para esse novo território com *balls* que são filmadas, editadas e compartilhadas pela comunidade, poses que focam em fazer *close* não apenas para os jurados, mas também para as câmeras.

Além disso, utilizando do conceito de corpo-memória, Silvia, Hüning e Tittoni (2024), discutem como a memória constitui-se nas relações entre ancestralidade, corpo e experiência, destacando-se enquanto uma possibilidade de resistência a violência colonial, ao articular razão e afetos compartilhados, assim o corpo torna-se “fio da memória”. Desse modo, com a utilização das plataformas digitais enquanto registros coletivos, onde membros da comunidade *ballroom* de Fortaleza compartilham seus registros de todas as *balls* que ocorrem na cena regional em um único território virtual, esse corpo cibernético funda uma grande memória-corpo coletiva, viva e em constante transformação.

O belo que se reinventa através da performance de um corpo-território



Outrossim, em decorrência da discriminação racial é instaurado uma lógica dicotômica colonial, onde somente os aspectos ligados ao corpo branco cisheterossexual podem ser considerados belos e atraentes, nesse sentido, sujeitos que fogem desse padrão hegemônico eurocentrado de traços e fenótipos são considerados desprovidos de beleza, exóticos e inferiores (Rocha; Anaya, 2020). Impactando diretamente na autoestima, identidade e existência da população LGBTQ+ e negra.

Sendo assim, Santos e Oliveira (2023), argumentam o uso da epistemologia do espelho de Oxum, como instrumento de reconhecimento da subjetividade negra, que encontra na figura da orixá associada às águas doces que curam, beleza e cuidado, uma potência de resgate e reexistência de identidades dissidentes, valorizando a ancestralidade. Resgatando memórias e saberes de corporeidade que por conta da colonialidade esqueceu de se olhar. Portanto, o que reflete através do espelho de Oxum não é a beleza narcísica de um rosto, mas a beleza de sujeito que se reinventa.

A categoria *face* apresenta-se enquanto um desses espelhos de Oxum. Sendo umas das categorias originárias da cultura *ballroom*, focada no rosto ela surge da inspiração dos concursos de modelos, revistas de moda e programas de televisão que exaltavam apenas rostos belos de pessoas brancas e cisgêneras, apagando uma representatividade negra LGBTQ+, assim, nessa categoria o que é critério de avaliação não é adequação a um padrão de beleza, mas sim o quanto que os sujeitos se empoderaram em performances de seus rostos e identidades (Malaquias, 2025).

Como exemplo, na Figura 3 observa-se que a competidora direciona sua performance para destacar o rosto, utilizando ângulos específicos e acessórios, como a coroa e o vestido de princesa, a fim de construir, perante o olhar do júri a imagem de “rainha da categoria”, reafirmando, por meio da performance seu lugar enquanto corpo um belo. Outrossim, a Figura 4 evidencia como são realçadas características físicas únicas dos participantes no ato de competir, dando destaque para a boca, maxilar e nariz. Assim, desestabilizado a lógica de beleza padronizada (Malaquias, 2025). Diante disso, quando um corpo-território desfila nesta categoria ele tenciona o imaginário colonial branco heterocisnormativo, subvertendo e o provocando com suas características físicas o conceito de belo que foi imposto a seus corpos.

Figura 3 e 4, respectivamente: Femme Queen Face, da ball T de Trans e OTA Face, da ball CarnalBall



Fonte: Femme [...], 2026 e VF [...], 2026.

Referências

ALVES, Deyvid Martins. **A cultura Balroom e a valorização dos corpos pretos LGBTQIA+**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) – Escola Politécnica, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2023. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/5893>. Acesso em: 28 jan. 2026.

BEZERRA, Isabela Pinto Lucena. **De LGBT a queer: cultura ballroom, dissidências de gênero e sexualidade e afirmação de vida**. 2025. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/bitstreams/8368313b-9a7d-442b-b053-6a195828bfb2/download>. Acesso em: 30 jan. 2026.

CURIEL, Ochy. **La nación heterosexual**. Análisis del discurso jurídico y el régimen heterosexual desde la antropología de la dominación. Bogotá: Brecha Lésbica, 2013.

CALDAS, Ana Beatriz. Conheça a cena ballroom no Ceará, marcada por acolhimento da diversidade e eventos gratuitos. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 2024. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/conheca-a-cena-ballroom-no-ceara-marcada-por-acolhimento-da-diversidade-e-eventos-gratuitos-1.3467879>. Acesso em: 26 jan. 2026.

DELLAMAGNA, Maria Eduarda Batista. Corpo-território: gênero e sexualidade na experiência urbana. **Humanidades em diálogo**, São Paulo, v. 13, p. 91-99, 2024. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-7547.hd.2024.211662>. Disponível em: https://revistas.usp.br/humanidades/pt_BR/article/view/211662. Acesso em: 31 jan. 2026.

FEMME Queen Face R\$ 200 @ T de Trans Ball 2 – 29.01.2026 – Casarão Barão de Camocim. [S. l.: s. n.], 2026. 1 vídeo (2min 27s). Publicado pelo canal Ballroom Ceará. Disponível em: https://youtu.be/d-jIvmvBI1M?si=XPXj5HRm_hzNkof4. Acesso em: 2 fev. 2026.

FORTALEZA. **Rede Cuca celebra mês da diversidade como a casa da cultura**

ballroom em Fortaleza. Fortaleza: Prefeitura de Fortaleza, 25 jun. 2024. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/rede-cuca-celebra-mes-da-diversidade-como-a-casa-da-cultura-ballroom-em-fortaleza>. Acesso em: 26 jan. 2026.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: GEN Atlas, 2008.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz; HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari.

Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020. p. 33-118.

MALAGUIAS, Greg Alexandre. **Diálogos entre bichas pretas e cultura ballroom em Florianópolis com perspectivas de uma femme queen preta.** 2025. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/265538>. Acesso em: 30 jan. 2026.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Decolonialidade afro-brasileira:** a educação para a diferença. Salvador: EDUFBA, 2025.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Corpo-território & educação decolonial:** proposições afro-brasileiras na invenção da docência. Salvador: Edufba, 2020.

NOVELI, Marcio. Do Off-line para o Online: a Netnografia como um Método de Pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a Etnografia para a Internet?. **Revista Organizações em Contexto**, [s. l.], v. 6, n. 12, p. 107-133, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5342/534256505005.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2026.

OLIVEIRA, Samuel Rubens Barbosa de. **“Segura essa pose para mim”:** enquadramentos dos dispositivos interacionais da cultura Ballroom em Belo Horizonte. 2023. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/a5105643-af42-4df1-8f2c-6cf21a95b36e/content>. Acesso em: 10 fev. 2026.

OTA FACE R\$150 @ CarnaBall (3ª Edição) 20.02.2026. [S. l.: s. n.], 2026. 1 vídeo (8min53s). Publicado pelo canal Ballroom Ceará. Disponível em: <https://youtu.be/OJ05oFfUuVQ?si=dRa6qjVefP0H-t37>. Acesso em: 21 fev. 2026.

OTA PERFORMANCE R\$150 @ CarnaBall (3ª Edição) 20.02.2026. [S. l.: s. n.], 2026. 1 vídeo (21min30s). Publicado pelo canal Ballroom Ceará. Disponível em: <https://youtu.be/TJuM0RRSZWw?si=qyv54q-G9KdMkr3U>. Acesso em: 21 fev. 2026.

PRECIADO, Paul Beatriz. Carta de um homem trans ao antigo regime sexual. In: PRECIADO, Paul Beatriz. **Um apartamento em Urano:** crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 312-317.

RODRIGUES, Pietra Pedrosa Silva. História da dança vogue em Goiânia: gênero, arte e sociabilidades urbanas (1990-2020). In: CONGRESSO CIENTÍFICO NACIONAL DE

PESQUISADORES EM DANÇA, 6., 2021, virtual. **Anais [...]**. Salvador: Associação Editora ANDA, 2021. p. 1995-2001.

ROCHA, Natália de Paula Narciso; ANAYA, Felisa. **NO ESPELHO QUEBRADO DA COLONIZAÇÃO: O PENSAMENTO DECOLONIAL, O GÊNERO E O PADRÃO DE BELEZA...** In: Anais do 9º Coninter. Anais...Campos dos Goytacazes(RJ) UENF, 2020. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais>. Acesso em: 14/04/2026

SANTOS, Abrahao de Oliveira; OLIVEIRA, Luíza Rodrigues de. A metodologia do espelho de oxum na psicologia. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [s. l.], v. 16, n. Edição Especial, 2023. Disponível em: <https://abpn.emnuvens.com.br/site/article/view/1625>. Acesso em: 29 jan. 2026.

SILVA, Aline Kelly da; HÜNING, Simone Maria; TITTONI, Jaqueline. Uma epistemologia feminista de corpo inteiro na pesquisa em psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, [s. l.], v. 36, p. e277599, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2024v36277599>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/FYbLHYtgChVrMMPxkHFGHq/?lang=pt>. Acesso em: 31 jan. 2026.

SILVA, Manoella Bittencourt Mendes. **Abra as portas para o Ballroom**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Escola de Direito, Negócios e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2022. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/4987>. Acesso em: 25 jan. 2026.

VF Performance batalhas (BQ, NB, FQ, RWT) R\$ 150 @ T de Trans Ball 2 – 29.01.2026. YouTube. [S. l.: s. n.], 2026. 1 vídeo (19min 52s). Publicado pelo canal Ballroom Ceará. Disponível em: https://youtu.be/d-jIvmvBIIM?si=XPXj5HRm_hzNkof4. Acesso em: 2 fev. 2026.